



O SER SERTÃO NO “GRANDE SERTÃO: VEREDAS” E O SERTÃO MONTEALTENSE¹

Adriana Cruz Veiga ²
Geisa Flores Mendes ³

RESUMO

Este estudo analisa a relação existente entre o lugar sertão Palmas de Monte Alto (município baiano) e o sertão presente na obra Grande Sertão: veredas de João Guimarães Rosa. Tal problemática de pesquisa surge com o “estranhamento” diante da leitura do livro que aborda o “sertão” com as características naturais e humanas comuns ao município aqui estudado. Teve como objetivo geral analisar a relação entre o sertão presente no livro Grande Sertão: veredas e o lugar Palmas de Monte Alto-Ba. A partir disto, como objetivos específicos buscou-se demonstrar a potencialidade da literatura na compreensão do espaço e investigar o lugar “Palmas de Monte Alto” como espaço sertanejo e se há similaridades com o sertão presente na obra Grande Sertão: veredas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e análise documental com abordagem pautada na fenomenologia. Diante dos dados coletados na pesquisa, constatou-se que Palmas de Monte Alto é sim um lugar sertão. Vale dizer que, este resultado leva em consideração a subjetividade que envolve os conceitos de sertão e lugar já que ambos não possuem entendimentos unívocos entre os sujeitos sociais.

Palavras-Chave: Lugar, Memória Social, Sertão.

THE *SERTÃO* IN THE "GRANDE SERTÃO: VEREDAS" AND THE *SERTÃO MONTEALTENSE*

ABSTRACT

This study analyzes the relationship between the backlands place Palmas de Monte Alto (municipality of Bahia) and the backlands present in the work Grande Sertão: veredas by João Guimarães Rosa. Such research problem arises from the “strangeness” when reading the book that addresses the “backlands” with the natural and human characteristics common to the municipality studied here. Its general objective was to analyze the relationship between the *sertão* in the book Grande Sertão: veredas and the Palmas de Monte Alto-Ba place. From this, as specific objectives, we sought to demonstrate the potential of literature in understanding space and investigate the place “Palmas de Monte Alto” as *sertanejo* space and whether there are similarities with the *sertão* present in the work Grande Sertão: veredas. This is a bibliographic research and document analysis with an approach based on phenomenology. Given the data collected in the survey, it was found that Palmas de Monte Alto is indeed a *sertão* place. It is worth mentioning that this result takes into account the subjectivity

¹ Recorte da pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. A pesquisadora foi bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia – FAPESB.

² Mestre pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, acruzveiga@gmail.com;

³ Pós-Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS, e professora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, geisauesb@yahoo.com.br.



that involves the concepts of *sertão* and place since both do not have univocal understandings among social subjects.

KEYWORDS: Place, Social memory, *Sertão*.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um desmembramento da dissertação do mestrado cujo título foi “‘Gosto Desde Que Me Entendi Por Gente’: o pequi como alimento identitário e elemento de ancoragem das memórias sertanejas em Palmas De Monte Alto- Bahia”. O ponto de partida para esta pesquisa foi a leitura do livro de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: veredas* que expandiu o meu olhar para o lugar de origem e para a identificação que a leitura proporcionava.

A familiarização com a paisagem apresentada no livro, ali descrito com riqueza de detalhes, despertou-me para o meu lugar. Enxerguei que o sertão é lugar de saber, de luta, de sobrevivência, de história. “Os Gerais⁴ da Bahia, de Minas e de Goiás” eram os Gerais que forneciam o pequi e a mangaba tão consumidos no lugar em que vivo. Percebi que compartilho do mesmo privilégio de Riobaldo, o de ter estudado, diferentemente dos meus pais que, assim como muitos jagunços, não tiveram esse acesso. As casas?! Ah... aquela casa que Otilia esperava por Riobaldo era semelhante às casas da minha roça com as paredes brancas e as janelas azuis ou verdes para alegrar o cinza da vegetação nos períodos secos, sem chuvas. A mesa farta com os melhores bolos e cozidos era a mesma mesa farta da minha casa, da casa da minha vó, da minha tia e de todas aquelas casas que estão sempre abertas para qualquer um que chegar. Riobaldo, saudoso, é a figura do meu pai contando as histórias do “seu tempo”.

Enfim, a leitura do livro colaborou para a valorização do sertão como meu lugar, me fez perceber que aquele cenário se tratava do “meu sertão”, diferentemente daquele que rotineiramente era propagado. Com essa obra foi possível compreender o ambiente em que vivo para que pudesse me enxergar como sujeito que se constrói e se desconstrói. É nesse sentido que surge a busca pela valorização do meu lugar para além do estereótipo midiático de

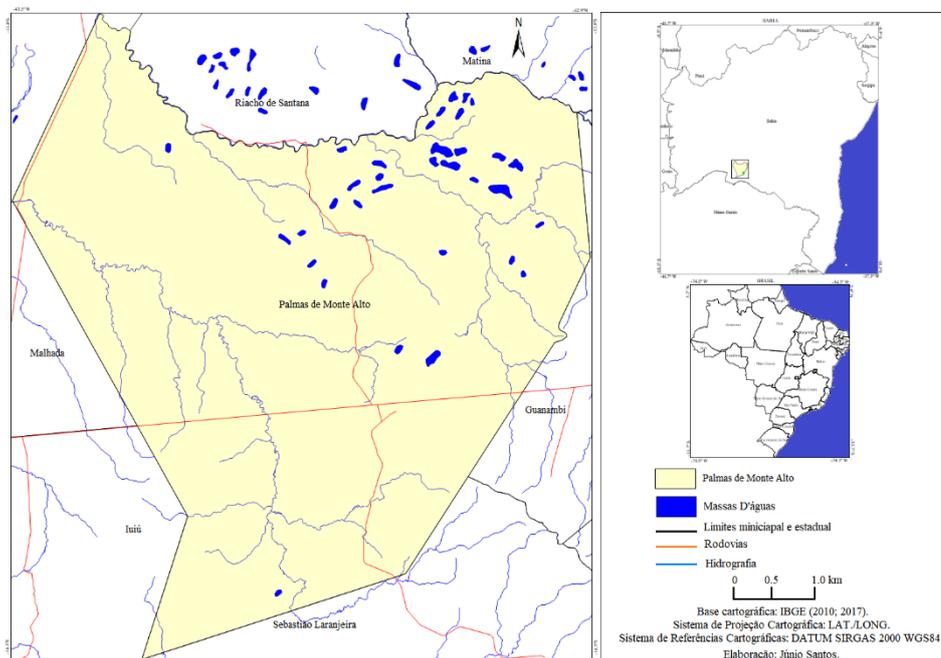
4 Áreas geralmente associadas ao domínio morfoclimático Cerrado, onde, no passado eram definidos como terras poucos férteis, consideradas improdutivas e com pouca ocupação humana. Esta definição tem se modificado nas últimas décadas onde áreas que antes eram pouco exploradas passaram a despertar interesse ao agronegócio diante da disponibilidade hídrica e possibilidade de plantio de soja, milho e algodão possibilitados com as técnicas modernas aplicadas ao solo, sobretudo na região Centro-Oeste do Brasil.



que sertão se resume ao semiárido nordestino, lugar apenas de mandacaru, terra rachada e natureza morta.

Com essa compreensão, Palmas de Monte Alto (Figura 1) deixou de ser apenas um município do interior baiano, que se localiza no Território de Identidade Sertão Produtivo, com 840 Km de distância de sua capital Salvador. Sobre a história do seu povo, só conhecia o que era perpetuado nas salas de aula em véspera do seu aniversário de emancipação política.

Figura 1 – Mapa de Localização de Palmas de Monte Alto, 2019



Fonte: Organizado por Veiga, A. C., 2019.

Foi neste despertar para o meu lugar que me deparei com uma parte da história pouco contada. “Conheci” novos pontos de vista sobre o seu povoamento, sobretudo após a chegada dos europeus e o surgimento da dinâmica econômica, política e cultural que se expandia pelo interior do país.

Diante disso, este trabalho teve como objetivo geral analisar a relação entre o sertão presente no livro Grande Sertão: veredas e o lugar Palmas de Monte Alto-Ba. A partir disto, como objetivos específicos buscou-se demonstrar a potencialidade da literatura na compreensão do espaço e investigar o lugar “Palmas de Monte Alto” como espaço sertanejo e se há similaridades com o sertão presente na obra Grande Sertão: veredas.

METODOLOGIA



Para alcançar os resultados esperados, a temática foi estudada com o aporte teórico da fenomenologia, pois essa abordagem concentra seus estudos na interação dos sujeitos sociais no espaço, além de considerar as singularidades dos grupos sociais. É possível afirmar que cada sociedade tem um jeito específico de viver e acumular valores e saberes que são transmitidos de uma geração para outra. Dessa forma, “[...] o objetivo do método fenomenológico é descrever a estrutura integral da experiência vivida, os significados que essa experiência tem para os sujeitos sociais que a vivenciam.” (NASCIMENTO; COSTA, 2016, p. 46)

. Neste trabalho, os dados para discussão foram coletados a partir de revisão bibliográfica em livros, artigos científicos, teses e dissertações sobre os temas pertinentes às categorias de análises da Geografia, ao conceito de sertão, de memória social. Vale dizer, que banco de dados histórico-geográficos foram utilizados também como recurso deste trabalho.

Para debruçar nesta questão, buscou-se suporte na discussão da memória social abordada principalmente por Halbwachs (1990), sendo que esta categoria foi adotada para auxiliar na análise das representações sociais sertanejas. A categoria lugar, foi abordado na perspectiva de Massey (2000, 2008) que compreende esta categoria como um conjunto de múltiplas trajetórias que resulta do movimento dos sujeitos sociais na construção do espaço. Por fim, no que concerne a discussão acerca do sertão, as leituras de Amado (1995), Almeida (2003), Brasil (2006), Melo (2006) e Mendes (2009) permitiram um diálogo com o personagem principal do livro Grande Sertão: veredas em sua construção do sertão.

Vale dizer que esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da instituição do programa de pós graduação strictu sensus a qual a autoria está vinculada, sendo aprovada uma vez que atendias as regras daquele comitê.

REFERENCIAL TEÓRICO

“Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou [...]”

(HERÁCLITO, 1996, s/p)

Heráclito, filósofo grego pré-socrático, defendeu que os seres são transitórios e não são capazes de ser idênticos a si mesmo, pois o seu eu está em construção contínua. Assim, ele justifica a afirmação de que não se pode entrar no mesmo rio mais de uma vez, pois tanto



o rio quanto o sujeito se modificam a todo instante. A compreensão de Heráclito fundamenta a discussão acerca da categoria lugar na Geografia, pois esta resulta da dinamicidade dos grupos sociais no espaço e o olhar sobre o lugar se altera de acordo com as mudanças sofridas por este bem como pelas mudanças pelas quais os sujeitos passam.

Para Massey (2008), o espaço é produto das inter-relações, resultante das interações que constroem identidades em um contexto de multiplicidades. O espaço também pode ser entendido como resultado de um processo contínuo que se constrói de acordo com as trajetórias dos sujeitos que o compõe.

O lugar é uma produção contínua dos sujeitos sociais no espaço e evidencia a interconectividade entre o tempo e o espaço, posto que ambos possuem características que se interligam, sobretudo no que se refere à necessidade de serem entendidos como abertos, livres de representações estáticas e marcados por mutiplicidades. Entretanto, de acordo com Massey (2008), tempo e espaço não são redutíveis um ao outro, são distintos ainda que estejam co-implicados.

Na literatura acerca da construção do lugar, é possível encontrar defesas de que os elementos vinculados a economia é que delineiam as experiências pessoais quanto ao espaço e ao lugar, entretanto, Massey (2000) defende que a relação que o sujeito terá com o espaço e com o lugar no qual se insere está condicionada, também, às suas particularidades. Nesse sentido, Relph, enfatiza que:

O lugar é onde conflui a experiência cotidiana e também como esta experiência se abre para o mundo. O ser é sempre articulado por meio de lugares específicos, ainda que tenha sempre que se estender para além deles para compreender o que significa existir no mundo (RELPH, 2014, p. 29).

Esta afirmação ganha reforço nos estudos de Marandola Jr. (2014, p. 228) que afirma “[...] é pelo lugar que nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim a base de nossa experiência no mundo.” Busca-se, assim, o sentido de lugar em aspectos que realçam as particularidades de cada lugar em uma espécie de enraizamento ou estabilidade, chamado, por Souza, de processo de “lugarização”. Esse processo seria constituído da atribuição de sentido a determinado espaço por meio das vivências ali estabelecidas, sendo que esta necessidade de “lugarização” tem crescido com o capitalismo contemporâneo (SOUZA, 2013).

Para Massey (2000, p. 181), “[...] o lugar e a localidade são focos de uma forma de escapismos romantizado da atividade real do mundo. Enquanto o ‘tempo’ é visto como movimento e progresso, o ‘espaço’ ou ‘lugar’ é equiparado a imobilismo e reação.” Para a



autora, essa compreensão parte de uma noção reacionária e essencialista pautada na busca pela identidade fixa do lugar construída com base na sondagem do passado, o que exige um traçado de fronteiras.

Fala-se em buscar um sentido global do lugar, construído nas inter-relações que os sujeitos estabelecem nos mais variados espaços e que ultrapassa o local em que está inserido. Se o espaço existe pela possibilidade de conexões, multiplicidades e construção permanente, o lugar também estará amparado nessas condições.

Os sujeitos estão em um movimento contínuo, nem o lugar e nem os sujeitos poderão voltar ao que foram um dia. Para Massey (2008, p. 184), “[...] Não se pode fazer com que os lugares parem [...]” e, se são constituídos de sujeitos que estão em constante fazer-se, logo os lugares também estarão neste movimento, tanto do ponto de vista da subjetividade, quanto no que se refere às transformações nos aspectos físicos que acontecem constantemente, ainda que em processo lento. Para Marandola Junior (2014, p.230-245), o lugar “[...] longe de ser estático, é dinâmico, pois corresponde à própria essência do ser, que é igualmente viva [...]” e que se “[...] se constrói a partir da circunstancialidade do ser-no-mundo”.

O sentido global de lugar, por meio das leituras destes autores, se fundamenta na ideia de que os lugares não são inertes e nem estáticos, são resultados das interações sociais que estão em permanente movimento, ou seja, são considerados processos. Nesse caso, se o lugar é resultado das interações humanas em processo, ele também será processo e, assim, tem-se um segundo argumento que aborda a fluidez dos lugares, considerando que o lugar, em si, não necessariamente precisa de fronteiras que delimitem ou demarquem um início e um fim.

Por fim, de acordo com a afirmação de Riobaldo, personagem de Grande Sertão: veredas: “O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando”.(ROSA, 2001, p. 39) A fala de Riobaldo está concatenada com o pensamento de Heráclito, já que ele defende que os sujeitos estão em constante processo de construção, sendo mutáveis e dinâmicos. O contexto em que vivem e as relações interpessoais que estabelecem são elementos que os definem constantemente resultando, também, na dinamicidade do lugar em que está inserido.

Tal compreensão permite-nos afirmar que o lugar é resultado das relações construídas pelos sujeitos em diferentes tempos e é carregado de elementos a eles inerentes, o que, por sua vez, permitirá a construção da memória social. As memórias são construídas na relação existente entre os sujeitos em um dado espaço geográfico e é por esta razão que a memória social pode ser utilizada como categoria de análise geográfica.



Tratar da memória social implica considerar o entendimento de que para que ela exista é preciso que relações sociais se estabeleçam em determinado espaço e ocorra a triangulação entre sujeitos sociais, espaço e tempo. O homem é um ser social e é nessa premissa que a memória é construída, pois a memória é coletiva e resulta das vivências (marcadas por alguns elementos que dão suporte para que ela se mantenha viva) de um conjunto de pessoas em determinado lugar.

Para Halbwachs (2006, p. 51), “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” e este ponto de vista varia de acordo com o lugar que o sujeito ocupa, e este lugar, por sua vez, se modificará de acordo com as interações que os sujeitos construírem em outros meios. Nota-se a maleabilidade, tanto dos elementos que envolvem a memória social, quanto aqueles referentes ao lugar, pois, ambas as categorias estão em permanente construção de acordo com as interações sociais dos sujeitos.

De acordo com Gondar (2016), a memória social é carregada de intencionalidade, logo é isenta de neutralidade. A autora enfatiza que a memória implica também esquecimento, que, por sua vez deve ser visto não como algo negativo e sim como possibilidade de selecionar o que deve ser lembrado e perpetuado. Assim, o lembrar e o esquecer não estão em situações opostas, mas são coexistentes, ainda que esta relação ocorra de modo paradoxal na chamada era digital em que tudo se torna mais fluido.

A memória social dá suporte para a construção da história social que se constrói no espaço e é por existir um espaço, uma base material, que a memória se conserva. Dialeticamente, a memória e todos os elementos simbólicos “[...] dão suporte à dinâmica da vida social e, conseqüentemente intervém no processo de produção do espaço” (MENDES; MENEZES, 2015, p. 1122).

A memória social necessita do espaço para se constituir ou se firmar e é notória sua vinculação às categorias geográficas, sobretudo porque essas abordagens se preocupam com as ações do sujeito no espaço e as marcas que nele deixam impressas. De modo geral, é possível dizer que a memória necessita do espaço e contribui para a sua produção por meio de suas ações e relações afetivas que produzem o lugar, carregando-o de simbolismos facilmente impressos na paisagem.

Para além das dimensões físicas que permeiam a busca pela significação de sertão, a dimensão subjetiva se destacou nesse processo, pois, conforme Melo (2006), os sertões são resultados de grafias, do movimento dos sujeitos que dele fazem parte e que levam as representações espaciais historicamente construídas. Melo ainda afirma que:



Sertão é aquilo que os habitantes do lugar vêem, percebem, compreendem como sertão. Lugar que se propaga, se difunde por toda parte. Lugar que se divulga, se diz que é sertão. Trata-se, portanto, de um espaço fundamentalmente subjetivo e movente, migrante, mutante, grafável e rasurável e, por isso, de difícil apreensão (MELO, 2006, p. 92).

Logo, a visão e compreensão acerca dos espaços se transformam de acordo com as mudanças da sociedade. No caso do sertão, o termo foi utilizado desde a chegada dos portugueses no Brasil e foi alterado à medida que o processo de interiorização se efetivava e atendia aos interesses da coroa em ocupar o país para a sua exploração. Como afirma Melo, espaços que antes eram denominados de sertão hoje não mais o são e, dessa forma, há de se considerar que o sertão [...] é um sistema complexo, feito de representações, imagens e discursos que se alteram ao longo do tempo. [...] São vários os sertões que se disseminaram e se disseminam no tempo e no espaço (MELO, 2006, p. 85).

Segundo as palavras de Riobaldo, personagem de Grande Sertão: veredas, "O real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia..." (ROSA, 2001, p. 80), e isso permite-nos afirmar que, na busca por desvendar esse "enigma", não é possível encontrar uma resposta definitiva e considerada correta, ou seja, o que deve ser priorizado é o processo e não especificamente o resultado. É nesse sentido que se busca conhecer os caminhos históricos e geográficos de Palmas de Monte Alto para compreender se sua constituição perpassa os meandros dos entendimentos do que vem a ser sertão.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

Para afirmar que Palmas de Monte Alto é um lugar sertanejo necessita-se compreender de que sertão está se falando, visto que a definição desta categoria passou por mudanças ao longo dos séculos desde que começou a ser utilizada no território brasileiro a fim de indicar uma localização. A propósito, o próprio sentido de sertão transcende muitas vezes o entendimento de localização tornando, para muitos, um suporte de fortalecimento com o lugar em que se vive.

A associação de Palmas de Monte Alto a um lugar sertão pode ser vista nos registros históricos do município, nas produções acadêmicas dos historiadores a respeito da construção histórica e econômica do país, nos recentes veículos de comunicação, nas produções literárias, nos símbolos municipais, nas instituições públicas e religiosas, nos projetos de regionalização e territorialização para fins administrativos e no vocabulário dos moradores do município em conversas do cotidiano.



No hino do município, uma estrofe evidencia que o lugar é a “graça do sertão” com todas as suas características naturais e sociais. A aclamação do município por meio do hino explicita de modo positivo o fato de ser um lugar sertão:

Hino do município de Palmas de Monte, BA⁵.

Em Palmas de Monte Alto
cidade linda hospitaleira
vive um povo patriota
glória da nação brasileira.

[...]

As palmas dos teus coqueiros
são lindas mãos em oração
a bravura da ventania
é a graça do sertão.

[...]

Espiritualizando os esforços
dos teus filhos
lá do alto da colina
Maria abençoa os teus brilhos.

Corroborando a ideia de que o sertão está intrínseco aos sujeitos, e levando em consideração o entendimento do lugar como espaço que está em construção contínua, é possível dizer que a vinculação do município a um lugar sertão permanece na população montealtense. No ano de 2012, um dos padres da paróquia, Pe. Patrick O’Neil, apresentou um projeto à comunidade católica que eleva a igreja matriz à categoria de santuário e denomina a padroeira Nossa Senhora Mãe de Deus e dos Homens como Rainha do Sertão (Figura 2), já que possui estimado valor histórico para a cultural local e regional. Embora o santuário ainda não tenha sido aprovado pela diocese, o título da santa como rainha do sertão já é usado pela população no cotidiano, o que denota a sua aceitação.

⁵ O Hino á Palmas de Monte alto é de autoria da professora Gildete Alcântara Rocha, soteropolitana que em 1939 veio para Palmas de Monte Alto atuar como professora. Posteriormente, mudou-se para o município vizinho, Sebastião Laranjeiras, onde morou até o ano de 2008, quando faleceu. Não foi encontrado registros acerca do ano de composição do hino.



Figura 2- Cartaz anunciando a festa em louvor a padroeira da cidade, recém batizada de Rainha do Sertão, Palmas de Monte Alto, 2019.



Fonte: Página da Paróquia Nossa S. Mãe de Deus e dos Homens no Facebook.

Por tudo isso, pode-se afirmar que a referência a Palmas de Monte Alto como um lugar sertanejo permanece no imaginário e nas práticas cotidianas dos montealtenses como é possível observar em elementos simbólicos e peculiares no município.

No ano de 2010, o governo da Bahia decretou a criação dos Territórios de Identidade como unidades de planejamentos para políticas públicas do estado. Esses territórios foram pensados em uma associação do poder público com a sociedade civil em ações desenvolvidas com base no sentido de pertencimento em que cada representante da sociedade civil tinha o direito de opinar.

O Decreto 12.354/10, no Art. 1º, § 1º. considera:

Território de Identidade o agrupamento identitário municipal formado de acordo com critérios sociais, culturais, econômicos e geográficos, e reconhecido pela sua população como o espaço historicamente construído ao



qual pertence, com identidade que amplia as possibilidades de coesão social e territorial (BAHIA, Dec. 12.354, 2010).

O olhar para a subjetividade dos sujeitos foi considerado no processo de divisão do estado para fins de planejamento, desse modo o estado da Bahia foi dividido em Territórios de Identidade com nomes que representassem o que cada grupo social enxergava sobre o seu lugar. O território no qual Palmas de Monte Alto se localiza é o Território de Identidade Sertão Produtivo, o que denota mais uma vez uma aproximação desses sujeitos com a definição de sertão, mas não um sertão da seca, do atraso e da miséria, pelo contrário, um sertão que produz que permite a sobrevivência a sua população.

Por tudo isso, a busca por uma definição de sertão cartesiana, com limites cartográficos e características físicas bem definidas não constitui um caminho seguro, pois ele é construído por sujeitos em diferentes trajetórias, tornando-se um campo subjetivo. Pelas mesmas razões, não é possível atribuir uma determinada identidade aos sujeitos sem que eles participem do processo de autoafirmação.

Em Grande sertão: veredas, Riobaldo interpela: “O senhor vê onde é o sertão? beira dele, meio dele?” (ROSA, 2001, p. 611). O questionamento de Riobaldo coaduna com o que Ferreira (2004, p.25) afirma: “[...] difícil é definir e precisar significações, pois o próprio conceito de significado é um dos termos mais controvertidos e ambíguos da teoria da linguagem”. Segundo Mendes (2009), o conceito de sertão é uma construção que perpassa a subjetividade e a objetividade. É ambíguo e sua significação depreende das construções dos sujeitos e grupos sociais e vincula-se as suas memórias e representações.

O sertão, como defendia Riobaldo, aceita todos os nomes e não se espera dele uma cartografia precisa e exata, pois é formado por sujeitos que se transformam à medida que abrem o seu olhar para o outro e para o mundo. Assim como a categoria lugar, o sertão permeia o campo das subjetividades e é vivido e compreendido por sujeitos que constroem suas histórias de vida de modo individual e coletivamente, por tudo isso que é possível afirmar que os sertões são múltiplos.

Com o movimento de construção de uma ideia de sertão no âmbito da literatura regionalista, o município também passa a ser configurado como sertão, uma vez que, essas obras, construíram para o interior da Região Nordeste uma ideia de lugar de seca, sofrimento, atraso econômico e social. Sendo Palmas de Monte Alto um lugar que pertence a essa região, essa ideia de sertão também permeia o imaginário dos montealtenses.



No que tange a associação que é possível ser feita entre o município e o sertão de Guimarães Rosa, é possível elencar inúmeros aspectos, como a presença dos jagunços no passado⁶, os hábitos alimentares (pequi, mangaba, requeijão,), os ritos religiosos (cultos aos santos católicos, festas juninas), a toponímia, a vegetação, a fauna, a relação do homem com a natureza e até mesmo o vocabulário expresso no livro e usualmente reproduzido pelos montealtenses, como apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 - Palavras presentes no livro Grande Sertão: veredas e comuns no vocabulário dos montealtenses.

Palavra/expressão	Significado
A demora era pouca ⁷	Ficar pouco tempo em algum lugar
“Aquela ocasião”	Naquela época; naquele tempo
“Ir s’embora”	Ir embora
A pois	“Pois é”
Aborrecia	Desagradar
Araticum	Fruto comum do cerrado
Candongasse	Resmungasse
De primeiro	Antigamente
Escrafunchar	Procurar
Naquela mesma da hora	Naquele instante
Tempo das águas	Período chuvoso (Entre a primavera e o verão)
Toda a vida	O tempo todo
Tudo quanto há	Tudo; todas as coisas
Vigia	Olhe; preste atenção
Tenência	Criar juízo; tomar cuidado com as atitudes
Quaresma	Período do catolicismo usado como medida de tempo

Fonte: Organizado por VEIGA, A. C com base no livro Grande Sertão: veredas de João Guimarães Rosa.

As palavras e expressões apresentadas no quadro estão presentes no cotidiano do município. O livro, que se insere na literatura regionalista brasileira, destaca-se com a sua escrita permeada pela linguagem que aproxima o leitor com o espaço descrito na obra que, por sua vez, colabora na construção de uma identidade sertaneja. Desse modo, ainda que o

⁶ Como foi citado nos relatos de Teodoro Sampaio em sua passagem pelo município no início do século XX: A vila é antiga e pequena, mas regularmente edificada numa situação excelente na base da serra do mesmo nome e em altitude de cerca de 580 metros, com um clima dos mais afamados do sertão. Apesar de estar quase abandonada pelos seus habitantes, que, no geral, se refugiam nas fazendas, receosos de um assalto de jagunços, a vila pareceu-me interessante, no seu aspecto de tranquilidade e de repouso (SAMPAIO, 1905, s/p).



nome do município não seja citado no livro Grande Sertão: veredas, muitos são os elementos que o associam ao sertão descrito pela personagem principal, entretanto essa afirmação deve ser feita pelos próprios sujeitos do lugar por meio de suas trajetórias e memórias construídas ao longo de sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu de indagações sobre aspectos inerentes a Palmas de Monte Alto como um lugar sertanejo. Desse modo, as respostas para esta pesquisa exigiram um olhar atento e complexo para não desconsiderar as multiplicidades que viessem a aparecer durante o processo, uma vez que ao valorizar a subjetividade para análise do lugar é preciso estar livre de representações estáticas e pré-definidas. Os lugares são espaços em que as experiências do cotidiano se desenrolam e, assim, contribuem para a construção dos sujeitos e suas inter-relações. Nesse sentido, pode-se afirmar que os lugares permitem que ocorram as experiências no mundo, pois, são produtos de uma percepção particular e também coletiva vinculada a elementos culturais e históricos.

É importante dizer que a leitura do livro Grande Sertão: veredas não foi apenas um ponto de partida, mas também uma fonte de pesquisa para este estudo. Com base na obra, buscou-se compreender o lugar Palmas de Monte Alto diante das inúmeras semelhanças com o sertão de Guimarães Rosa. Na obra, além do sertão assumir uma posição de protagonismo, destaca-se também as passagens em que a personagem principal reforça, além das materialidades, as imaterialidades para caracterização e definição deste espaço, sobretudo quando diz: “o sertão: é dentro da gente” (ROSA, 2001, p.293). Com essa afirmação de Riobaldo ao seu interlocutor, esse estudo reforça que são os próprios sujeitos do lugar que são capazes de definir seu entendimento sobre o sertão.

Por mais que esteja inserido em uma parte do país com pouca incidência de chuvas, não há nas fontes utilizadas uma associação a este sertão como esse lugar da penúria e escassez. Entretanto, ficou perceptível que grande parte das definições de sertão encontradas a respeito dessa categoria, de certo modo, se apresenta em algum momento, o que reitera o fato de que não se pode ter uma definição estanque e homogênea sem considerar as particularidades presentes no imaginário de cada sujeito ou grupo social.

REFERÊNCIAS



ALMEIDA, M. G.; RATTS, A. *Geografia: Leituras Culturais* Goiânia: Alternativa, 2003.

AMADO, J. Região, sertão, nação. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 145-151. 1995.

BAHIA. Decreto 12354/10 de 25 de agosto de 2010. Institui o Programa Territórios de Identidade e dá outras providências

BRASIL. *Atlas das representações literárias de regiões brasileiras* / IBGE, Coordenação de Geografia. - Rio de Janeiro : IBGE, 2006- V. 2 Sertões Brasileiro..

FERREIRA, J. P. Os segredos do sertão da terra: um longe perto. *Légua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v. 3, nº 2, 2004, p. 25-39.

GONDAR, Jo. Cinco proposições sobre memória social. *Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, pag. 19 – 40, 2016. Disponível

em:<https://unilasalle.edu.br/public/media/4/files/Mem%C3%B3ria%20Social%20e%20Bens%20Culturais/Sele%C3%A7%C3%A3o%2020181/Gondar_Cinco_proposic%C3%A7%C3%A3o%20es.pdf>. Acesso em 10 de jul. 2018.

HALBWACHS, M. A *Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HERÁCLITO. *Fragmentos* (Sobre a natureza). São Paulo. Abril Cultural, 1996 (adaptado).

MARANDOLA JUNIOR, E. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JUNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. *Qual o espaço do lugar?* Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. Pag. 227- 248.

MASSEY, D. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000. p. 176 – 185.

MASSEY, D. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MELO, A. F. de. *O lugar-sertão: grafias e rasuras*. Instituto de Geociências Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2006

MENDES, G. F. *Sertão se traz na alma? Território/lugar, memória e representações sociais*. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe São Cristovão, Sergipe, 2009.

MENDES, G. F.; MENEZES, S. de S. M. Espaço e Memória: conexões e possibilidades pelo viés da categoria lugar. *Anais do XI Colóquio do Museu Pedagógico*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2015, p. 1121-1134. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/4995/4791>>. Acesso em 12 de ago. 2018.

NASCIMENTO, T. F.; COSTA, B. P. Fenomenologia e Geografia: teoria e reflexões. In: *Geografia, Ensino & Pesquisa*, Vol. 20 (2016), n.3, p. 43-50.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM

GEOGRAFIA



RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JUNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. *Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2014. Pag. 17 – 32.

ROSA, J. G. *Grande Sertão: veredas*. 19ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SAMPAIO, T. *O Rio de São Francisco e a Chapada Diamantina: trechos de um diário de viagem (1879- 80)*. Publicado pela primeira vez na Revista S Cruz. São Paulo. Escolas Profissionais Salesianas, 1905.

SOUZA, M. L. *Os Conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013